

O PAPEL DA FAMÍLIA NA MEDIAÇÃO DO USO DAS TELAS PELAS CRIANÇAS: LIMITES, DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Raissa Mikaelly Souza da Silva ¹
Alexandre Ribeiro da Silva ²
Cristiane Ferreira Oliveira ³

RESUMO

Atualmente, evidencia-se o fenômeno do excesso de exposição digital do público infantil. Crianças cada vez mais novas têm acesso irrestrito a celulares, notebooks e outros dispositivos eletrônicos, afastando-as do brincar ao ar livre, das interações lúdicas com objetos concretos e o convívio social com seus pares. Diante desse cenário, o presente estudo qualitativo e descritivo tem como objetivo investigar o papel da família na mediação do uso de telas por crianças de 3 a 6 anos, identificando limites, desafios e possibilidades para uma prática mais equilibrada e saudável. Para alcançar tal propósito, serão aplicados questionários semiestruturados junto a pais e/ou responsáveis de crianças matriculadas na educação infantil de uma escola situada no estado do Rio Grande do Norte, cujos dados serão submetidos à análise de conteúdo. A partir desse procedimento, as respostas serão categorizadas em torno de temáticas como tempo de uso, supervisão, tipo de conteúdo acessado, dificuldades encontradas e estratégias de mediação adotadas. A fundamentação teórica apoia-se em autores que abordam o tema, entre eles Vygotsky (1991), Mascheroni (2013) e Livingstone (2014). Os resultados procurarão compreender como acompanhamento familiar próximo, aliado a uma mediação ativa, afetiva e crítica, não apenas mitiga riscos associados ao uso excessivo de telas, mas potencializa as oportunidades educativas proporcionadas pelo ambiente digital.

Palavras-chave: Família, Telas digitais, Crianças, Limites, Estratégias.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, o avanço das tecnologias digitais e a facilidade de acesso a dispositivos eletrônicos têm mudado bastante a maneira como as crianças brincam, aprendem e se comunicam. Celulares, tablets, televisores e computadores fazem parte do dia a dia das famílias, sendo usados para diversão, busca por informações e socialização.

¹Pós-graduada do Curso de Psicopedagogia e Educação Infantil da Faculdade Faveni - RN, raissamikaelly013@gmail.com;

²Doutor do Programa de pós-graduação em Educação – PPGED – UFRN – RN, aleribeiroosilva@outlook.com;

³Pós-graduada em Educação Matemática: teoria e prática no ensino fundamental do Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy - RN, cristiane.foliveira123@gmail.com;



No entanto, o uso excessivo e sem controle dessas telas tem preocupado professores e até mesmo os pais, especialmente pelos possíveis impactos que isso pode ter no desenvolvimento mental, emocional e social das crianças.

Diante dessa situação, o papel da família fica ainda mais importante. Afinal, é ela quem acompanha e orienta as experiências das crianças, influenciando seus comportamentos, valores e hábitos. Controlar o tempo que os pequenos passam na frente das telas não é só uma questão de impor limites, mas também de conversar com eles, acompanhar suas atividades, orientar com carinho e dar o exemplo no dia a dia. Hoje em dia, esse desafio fica ainda maior, pois muitos adultos também estão bastante conectados à cultura digital, o que torna mais difícil estabelecer limites claros e criar práticas de uso mais conscientes. Por isso, entender como a família pode agir de forma efetiva na orientação e no acompanhamento do uso das telas é fundamental para contribuir com o desenvolvimento completo da criança e fortalecer os laços familiares.

Este estudo tem como propósito compreender a importância da família na orientação das crianças no uso das telas. Queremos entender quais limites são essenciais, quais desafios os pais enfrentam e que oportunidades educativas podem surgir nesse processo. Além disso, buscamos identificar práticas familiares que incentivem as crianças a usarem a tecnologia de forma mais responsável e consciente. Também pretendemos discutir estratégias que ajudem a promover um bom equilíbrio entre o mundo digital e as experiências do dia a dia das crianças.

A pesquisa tem um caráter qualitativo e descritivo, e foi realizada a partir de uma revisão de livros e artigos sobre infância, tecnologia e o papel da família nesse cenário. Além disso, foram feitas entrevistas semiabertas com pais e responsáveis por crianças em idade escolar. A análise dos dados ocorreu de forma interpretativa, buscando compreender melhor as percepções, atitudes e práticas relacionadas ao tema.

Os resultados mostram que, mesmo reconhecendo os riscos do uso excessivo das telas, muitas famílias ainda têm dificuldades em estabelecer limites claros ou acompanhar o conteúdo que as crianças acessam. No entanto, ficou claro que práticas de mediação que envolvem diálogo, uma rotina bem organizada e o exemplo positivo dos adultos costumam ser mais eficazes na formação de hábitos mais equilibrados. As discussões reforçam a importância de fortalecer o papel da família na educação diante dos desafios da era digital, promovendo uma mediação que combine carinho, orientação e presença constante.



Resumindo, pensar sobre o papel da família na mediação do uso das telas é refletir sobre como está a infância nos dias de hoje. A importância desse estudo está em mostrar que a tecnologia pode ser uma aliada no crescimento das crianças, desde que seu uso seja feito de forma consciente e participativa. Para isso, é essencial estabelecer limites, manter um diálogo aberto e compartilhar a responsabilidade entre família e escola

METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, de caráter descritivo e exploratório, buscando compreender como as famílias exercem o papel de mediação no uso das telas pelas crianças, bem como os limites, desafios e possibilidades presentes nesse processo.

A pesquisa foi realizada através de uma revisão de livros, artigos científicos e documentos oficiais, além da aplicação de questionários semiestruturados direcionados a pais e responsáveis de crianças entre 3 e 6 anos. Esses materiais abordaram temas como o uso das tecnologias digitais na infância, o papel da família na educação e os efeitos do tempo que as crianças passam em frente às telas no seu desenvolvimento.

Os questionários foram aplicados de maneira online, com o intuito de entender as práticas familiares, as percepções e as estratégias de mediação que as pessoas usam no dia a dia. Para analisar os dados coletados, utilizamos a técnica de análise de conteúdo, que ajudou a organizar as respostas em diferentes categorias.

A INFÂNCIA E A CULTURA DIGITAL

A infância, que é uma fase essencial do crescimento humano, tem sido bastante impactada pelas mudanças tecnológicas e de comunicação que vivemos hoje. A presença das mídias digitais no dia a dia das crianças é um fenômeno inegável e tem um papel importante na forma como elas aprendem, brincam, se comunicam e constroem suas ideias sobre o mundo. Nesse cenário, a cultura digital passa a ser uma parte fundamental das experiências infantis, demandando que olhemos de forma nova para o jeito como as crianças se relacionam com as tecnologias e de que maneira elas influenciam seus processos de desenvolvimento.

Diante dessa situação, Mascheroni (2013, p. 56) destaca que os pais têm a difícil missão de proteger seus filhos de conteúdos inadequados e do uso excessivo de tecnologias. O objetivo é que eles possam aproveitar as oportunidades que o mundo



digital oferece, já que, de fato, a internet não traz apenas diversão e conexão constante com os amigos, mas também possibilidades de crescimento, aprendizado e participação.

A cultura digital oferece novas possibilidades de acesso ao conhecimento, à expressão criativa e à comunicação, permitindo que as crianças sejam não apenas consumidoras, mas também produtoras de conteúdo. Essa autonomia tecnológica amplia seus horizontes e contribui para o desenvolvimento de competências relacionadas à linguagem, à imaginação e à interação social.

Por outro lado, o envolvimento precoce com as telas também traz desafios. O uso excessivo e sem orientação pode gerar impactos no comportamento, na atenção, na socialização e até na saúde física e emocional das crianças. Diante disso, torna-se essencial o papel da família e da escola como mediadoras, promovendo o uso consciente e equilibrado das tecnologias e garantindo que o contato com o mundo digital ocorra de forma educativa e segura.

Em síntese, a cultura digital faz parte da realidade da infância e oferece inúmeras possibilidades de aprendizagem e expressão, desde que mediada com responsabilidade e consciência. A participação ativa da família e da escola é fundamental para que as crianças possam aproveitar os benefícios da tecnologia, desenvolvendo-se como sujeitos críticos, criativos e socialmente engajados.

O PAPEL DA FAMÍLIA COMO MEDIADORA

A família é o primeiro grupo social com o qual a criança entra em contato, e é nesse espaço que ela começa a construir sua identidade, seus valores e seus modos de conviver com os outros. É dentro do núcleo familiar que acontecem as primeiras experiências de aprendizado, de afeto e de interação com o mundo ao redor, tornando esse ambiente fundamental para o desenvolvimento humano. Por isso, o papel da família como mediadora é tão importante: ela é quem introduz a criança nas práticas sociais, culturais e educativas da sociedade, ajudando-a a compreender e se inserir nesse universo.

No mundo de hoje, a importância da família como mediadora se torna ainda maior, especialmente diante dos desafios que as novas tecnologias e as mudanças nas formas de convivência social trazem. É papel da família orientar o uso consciente das mídias, estabelecer limites e promover momentos de convivência e aprendizado juntos. Essa participação ativa ajuda a manter um equilíbrio saudável entre o crescimento individual e o convívio em grupo.



As tecnologias digitais, quando integradas de forma consciente e mediada, podem transformar a aprendizagem infantil, oferecendo oportunidades multimodais de explorar o conhecimento. No entanto, o uso descontrolado pode comprometer o tempo de qualidade dedicado às experiências físicas e sociais, fundamentais para o desenvolvimento saudável das crianças (Livingstone, 2014, p. 96).

Vygotsky (1991) nos lembra que o papel do adulto como mediador é fundamental. Sem uma orientação crítica e reflexiva, o uso das ferramentas tecnológicas pode ficar restrito a atividades superficiais, que não contribuem de verdade para o desenvolvimento das habilidades cognitivas e sociais das crianças. Além disso, ele destaca que a aprendizagem é sempre mediada culturalmente. As tecnologias digitais, sendo produtos culturais, refletem os valores, práticas e formas de pensar do nosso tempo. Quando as crianças interagem com essas ferramentas, elas vão internalizando esses significados culturais e construindo conhecimento em um diálogo constante com o ambiente digital.

Ser mediadora é atuar como uma ponte entre a criança e o mundo ao seu redor. A família oferece orientação, acompanha de perto e ajuda a interpretar o que os filhos vivem, apoiando-os a entender diferentes situações, lidar com emoções e desenvolver relações saudáveis. Por meio do diálogo, do exemplo e da convivência diária, os adultos transmitem valores, ensinam regras de convivência e estimulam o pensamento crítico e a autonomia das crianças.

LIMITES, DESAFIOS E POSSIBILIDADES DA MEDIAÇÃO FAMILIAR

A mediação familiar é fundamental para o desenvolvimento das crianças, especialmente nos dias de hoje, em que as tecnologias digitais fazem parte do cotidiano delas. A família vai muito além de cuidar fisicamente e emocionalmente; ela também é responsável por transmitir conhecimentos, proporcionar experiências sociais e culturais, e ajudar na formação de valores e hábitos saudáveis. É claro que essa missão tem seus limites, desafios e oportunidades, e é importante refletirmos sobre tudo isso para criar um ambiente mais acolhedor e equilibrado para as nossas crianças.

Nesses casos, parece ser um desafio garantir que as crianças tenham práticas e hábitos saudáveis ao usar as telas. De acordo com Tisseron (2016), a mediação dos adultos deve ser negociada e baseada em atitudes de autorregulação, como definir horários e escolher os programas, além de promover a alternância com outras atividades que envolvam diferentes sentidos, não só o toque com o dedo indicador, por exemplo, e também acompanhar o que a criança assiste, incentivando-a a conversar sobre o conteúdo.



Um dos principais limites da mediação familiar está relacionado à disponibilidade de tempo e atenção dos responsáveis. A rotina intensa de trabalho, as tarefas domésticas e outras demandas podem reduzir a presença ativa dos pais e comprometer o acompanhamento das crianças no uso das tecnologias. Além disso, a falta de conhecimento sobre recursos digitais e sobre os conteúdos acessados pelas crianças pode limitar a capacidade de orientar e proteger adequadamente o desenvolvimento infantil. Outro fator limitante é a resistência das crianças em aceitar regras ou limites, o que pode gerar conflitos e dificultar a implementação de práticas de mediação eficazes.

Os desafios da mediação familiar incluem equilibrar o acesso às tecnologias com outras atividades essenciais, como brincadeiras, estudos, convivência social e descanso. A ubiquidade das telas e a pressão social ou influência de amigos e familiares também podem dificultar a imposição de limites. Outro desafio significativo é a necessidade de mediar o conteúdo consumido, garantindo que seja adequado à faixa etária e que promova aprendizagens e experiências positivas. A mediação requer habilidades de comunicação, paciência e conhecimento sobre o universo digital, elementos que nem sempre estão presentes de forma uniforme entre os responsáveis.

Apesar dos limites e desafios, a mediação familiar oferece inúmeras possibilidades. Pais e responsáveis podem transformar o uso das tecnologias em oportunidades de diálogo, aprendizagem e fortalecimento de vínculos afetivos. A presença ativa e reflexiva permite que as crianças desenvolvam senso crítico, autonomia e responsabilidade no uso das telas. Além disso, a mediação possibilita a integração de atividades digitais com brincadeiras, leituras e interações sociais, promovendo um desenvolvimento integral. A construção de regras claras, a participação conjunta em atividades digitais e a orientação contínua são estratégias que ampliam o potencial educativo e formativo da mediação familiar.

Em resumo, a mediação familiar é um processo importante e dinâmico, que apresenta alguns limites e desafios, mas também traz oportunidades valiosas para o crescimento saudável das crianças. Quando a família participa de forma consciente, ajuda a que o uso da tecnologia seja feito de maneira crítica, educativa e segura. Assim, a criança fica mais estimulada a ser protagonista de suas próprias aprendizagens e experiências na sociedade de hoje.

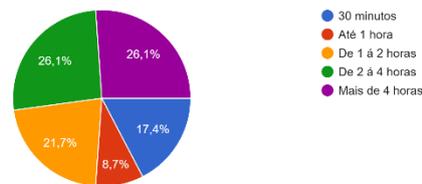
RESULTADOS E DISCUSSÃO



Com as informações coletadas por meio do questionário aplicado aos pais e responsáveis, conseguimos avançar bastante na nossa pesquisa. Essas respostas foram essenciais para atingir o objetivo principal do estudo, que é entender o papel da família na mediação do uso das telas pelas crianças, levando em conta os limites, os desafios e as possibilidades envolvidas. O que foi revelado pelas respostas nos ajudou a compreender como as famílias percebem o uso das tecnologias digitais no dia a dia das crianças, de que forma elas exercem essa mediação e quais estratégias usam para orientar o comportamento das crianças diante das telas.

Gráfico 01 – apresenta os momentos específicos em que as crianças utilizam as telas, destacando o tempo dedicado a essa atividade em diferentes períodos.

1. Em média, quantas horas por dia a criança utiliza telas (TV, Celular, Tablet, Computador, notebook, videogame)?
23 respostas

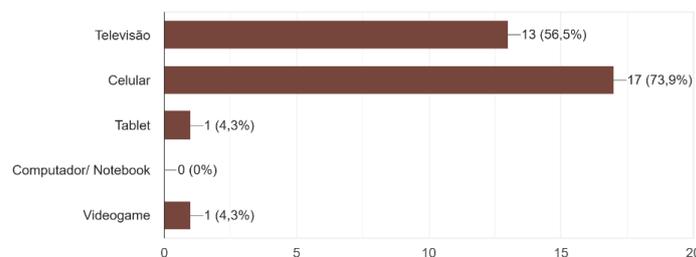


Fonte: Autoria própria, 2025

Os resultados apontam que, em média, as crianças utilizam as telas por várias horas ao dia, abrangendo o uso de televisão, celular, tablet, notebook e videogame. Observa-se que, na maioria dos casos, o tempo de exposição supera o limite recomendado, evidenciando a necessidade de maior orientação e mediação familiar para equilibrar o uso das tecnologias e evitar possíveis impactos no desenvolvimento infantil.

Gráfico 02 – mostra quais dispositivos são mais utilizados em determinado momento.

2. Quais dispositivos a criança mais utiliza?
23 respostas



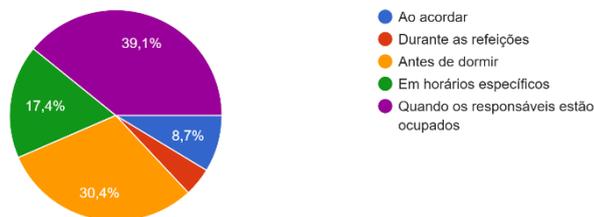
Fonte: Autoria própria, 2025



Os resultados indicam que os dispositivos mais utilizados pelas crianças são o celular e a televisão, seguidos pelo tablet e o videogame. Essa preferência revela a facilidade de acesso e o apelo desses meios no cotidiano infantil. A discussão mostra que o uso frequente desses dispositivos está relacionado tanto ao entretenimento quanto à comunicação, reforçando a importância da orientação familiar para promover um uso equilibrado e educativo das telas.

Gráfico 03 – Momento direcionado para monitorar o tempo que a criança passa usando as telas.

3. Em quais momentos a criança costuma utilizar as telas?
23 respostas

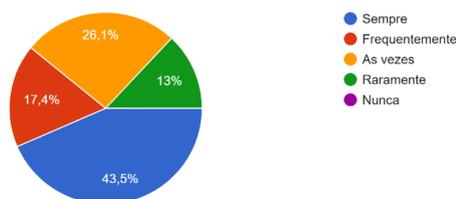


Fonte: Autoria própria, 2025

Os resultados mostram que as crianças costumam utilizar as telas principalmente nos momentos em que os responsáveis estão ocupados, como forma de distração ou entretenimento. Essa prática evidencia que o uso das tecnologias muitas vezes substitui a presença do adulto, servindo como recurso para manter a criança entretida. A discussão aponta para a importância de equilibrar esses momentos, promovendo alternativas de interação e brincadeiras que favoreçam o desenvolvimento infantil.

Gráfico 05 – busca identificar se os pais acompanham o que as crianças estão assistindo.

5. Você costuma acompanhar o que a criança assiste ou acessa nas telas?
23 respostas



Fonte: Autoria própria, 2025

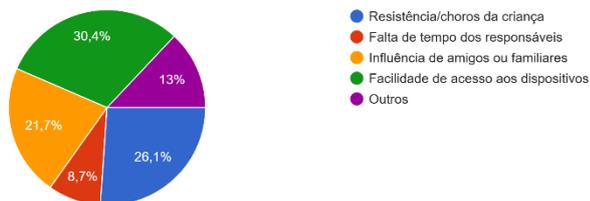


Os dados ressaltam que muitas famílias reconhecem a importância de orientar e acompanhar o consumo de conteúdos digitais dos filhos, atuando como guias para incentivar um uso mais responsável das tecnologias, o que chamamos de mediação ativa. No entanto, alguns responsáveis só acompanham essa experiência de forma ocasional, provavelmente por falta de tempo ou dificuldade em lidar com as novas tecnologias. Essa postura pode aumentar o risco de as crianças serem expostas a conteúdos inadequados, reforçando a importância de uma presença mais constante e cuidadosa por parte da família nesse processo.

De modo geral, os resultados reforçam que acompanhar o que as crianças assistem ou acessam não deve ser visto apenas como uma forma de vigilância, mas como um ato educativo e de cuidado. A presença e o diálogo dos responsáveis no uso das telas contribuem para o desenvolvimento de hábitos digitais saudáveis, fortalecem a confiança entre pais e filhos e promovem um uso mais equilibrado e crítico das tecnologias.

Gráfico 06 - destacar as dificuldades enfrentadas para controlar o tempo de uso de telas pelas crianças.

6. Quais dificuldades você encontra para controlar o tempo de uso de telas da criança?
23 respostas

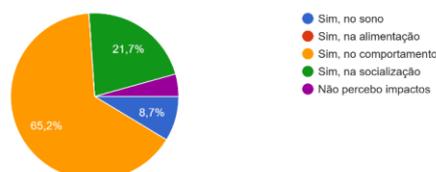


Fonte: Autoria própria, 2025

Esses dados mostram que o controle do tempo de exposição às telas é um desafio multifacetado, que envolve tanto aspectos práticos quanto emocionais e sociais. A ampla disponibilidade de dispositivos eletrônicos dentro de casa facilita o acesso e torna mais difícil impor limites, especialmente quando a tecnologia está presente em diversos momentos da rotina familiar.

Gráfico 07 – Momento direcionado para saber o uso excessivo das telas tem impactado em algum aspecto da vida de criança

7. Você acredita que o uso excessivo de telas tem impactado em algum aspecto da vida da criança?
23 respostas

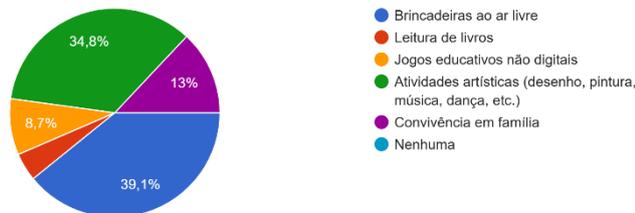


Fonte: Autoria própria, 2025

Os resultados mostram que a maioria dos responsáveis percebe impactos negativos do uso excessivo de telas na vida das crianças. Entre os participantes, 65,2% apontaram mudanças no comportamento, 21,7% relataram prejuízos na socialização e 8,7% destacaram interferências no sono. Esses dados indicam que o tempo prolongado diante das telas pode afetar aspectos emocionais, sociais e físicos do desenvolvimento infantil, reforçando a importância da mediação familiar e do estabelecimento de limites para um uso mais equilibrado da tecnologia.

Gráfico 08 – Momento direcionado costuma propor para substituir ou equilibrar o uso de telas

8. Que atividades você costuma propor para substituir ou equilibrar o uso de telas?
23 respostas



Fonte: Autoria própria, 2025

Os resultados mostram que as principais alternativas ao uso das telas são as brincadeiras ao ar livre (39,1%) e as atividades artísticas, como desenho, pintura, música e dança (34,8%). Em menor proporção, aparecem a convivência em família (13%) e os jogos educativos não digitais (8,7%). Nenhum dos participantes mencionou a leitura de livros ou a ausência de atividades, indicando que a maioria das famílias busca estratégias diversificadas para equilibrar o tempo de tela com experiências mais interativas e criativas.

De forma geral, os resultados evidenciam que os responsáveis reconhecem seu papel essencial como mediadores, compreendendo que o acompanhamento ativo é fundamental para garantir que o contato com as telas ocorra de maneira equilibrada, segura e adequada ao desenvolvimento infantil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Este estudo teve como objetivo entender a importância do papel da família na mediação do uso das telas pelas crianças. Foram analisados os limites, desafios e possibilidades que surgem dessa relação entre infância e tecnologia. As reflexões teóricas e os dados coletados mostram que a presença da família é fundamental para que o uso das telas seja uma experiência positiva, educativa e equilibrada. Mais do que simplesmente impor restrições, o papel da família deve ser orientar, dialogar e acompanhar de forma consciente o contato da criança com os meios digitais.

Foi observado que a mediação familiar vai além de controlar o tempo que as crianças passam na frente das telas; ela também envolve a qualidade das interações e dos conteúdos acessados. Quando os pais adotam uma postura participativa, criando momentos de convivência, diálogo e aprendizado em conjunto, as tecnologias podem ser grandes aliadas no desenvolvimento cognitivo e social dos pequenos. Por outro lado, a falta de acompanhamento ou o uso excessivo das telas como substituição da presença e do afeto familiar podem prejudicar as relações e influenciar negativamente os hábitos das crianças.

Entre os principais desafios identificados, destacam-se o ritmo acelerado das transformações tecnológicas, a falta de tempo dos adultos para acompanhar o cotidiano digital dos filhos e o próprio envolvimento dos pais com os dispositivos eletrônicos, o que, muitas vezes, dificulta o estabelecimento de limites coerentes. Esses fatores evidenciam a necessidade de formação e conscientização das famílias, para que possam atuar de maneira crítica e equilibrada frente às demandas do mundo digital.

As possibilidades apontadas pelo estudo revelam que a mediação familiar pode ser fortalecida por meio de estratégias educativas, como o estabelecimento de rotinas de uso, a seleção criteriosa de conteúdos, o incentivo a atividades offline e o uso compartilhado das tecnologias como momentos de aprendizagem e vínculo afetivo. Além disso, a parceria entre família e escola mostra-se essencial para a construção de orientações consistentes que auxiliem na formação de cidadãos digitais conscientes, autônomos e responsáveis.

Conclui-se, portanto, que o papel da família na mediação do uso das telas é fundamental e insubstituível. Cabe aos pais e responsáveis assumirem uma postura de presença, escuta e exemplo, compreendendo que educar para o uso das tecnologias é também educar para a convivência, para o autocontrole e para o exercício crítico da cidadania digital. Assim, o uso das telas pelas crianças pode deixar de ser uma ameaça e



transformar-se em uma possibilidade de crescimento, aprendizagem e fortalecimento dos vínculos familiares.

REFERÊNCIAS

LIVINGSTONE, Sonia. **Crianças e suas vidas digitais**: repensando as oportunidades e os riscos. Porto Alegre: Penso, 2019.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

MASCHERONI, Giovanna. La sfida di internet al ruolo genitoriale. I dati “EU Kids Online”. In: SCABINI, Eugenia; ROSSI, Giovanna (org.). *Famiglia e nuovi media*. Milano: Vita e Pensiero, 2013. p. 55-67.

TISSERON, S. (2016). *3-6-9-12 Diventare grandi all'epoca degli schermi digitali* La Scuola.

